

A LEITURA DIVERSIFICADA COMO RECURSO PARA FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR

Eunice de Jesus Conceição
Facultad Interamericana de Ciencias Sociales

Resumo

O presente artigo trata aborda uma discussão sobre as concepções de leitura e posteriormente as colocações acerca da importância da leitura diversificada para a formação de um leitor proficiente. Compreende-se que uma leitura significativa, vai muito além do ato de decodificar, e que, para ocorrer uma leitura de forma proficiente, deve acontecer por meio da interação entre leitor, texto e autor de maneiras variadas. Nesse sentido, o objetivo geral deste artigo é abordar a compreensão de leitura proficiente e as principais inferências que podem ser realizadas em sala de aula para formação humana e atuação social do indivíduo de maneira autônoma e crítica na sociedade.

Palavras Chave: Leitura. Leitura Proficiente. Recurso Didático. Novas aprendizagens.

Resumen

Este artículo trata de una discusión sobre las concepciones de la lectura y posteriormente las posiciones sobre la importancia de la lectura diversificada para la formación de un lector competente. Se entiende que una lectura significativa va mucho más allá del acto de decodificar, y que, para leer con soltura, debe pasar por la interacción entre lector, texto y autor de diferentes maneras. En ese sentido, el objetivo general de este artículo es abordar la comprensión lectora competente y las principales inferencias que se pueden hacer en el aula para la formación humana y el desempeño social del individuo de forma autónoma y crítica en la sociedad.

Palabras clave: Lectura. Lectura competente. Recurso Didático. Nuevos aprendizajes.

1 LEITURA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A leitura é um alicerce importante para a produção de conhecimentos, bem como satisfação pessoal contribui para a construção de modelos direcionados às formas de escrita, e tem como finalidade a formação de leitores competentes e proficientes, com função de escritores. O ambiente de construção da leitura é um processo no qual o leitor faz um trabalho ativo, a partir dos seus conhecimentos.

[...] é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a língua. Não se trata apenas de extrair informações da escrita, decodificando-a, letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituído antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor que conseguir analisar sua própria leitura constatará

que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê. (Parâmetros Curriculares Nacionais 1997, p. 53).

Nesse sentido, compreende-se que a língua é um sistema de signos histórico e social que favorece ao homem dar significados ao mundo e à realidade ao seu redor. Não é aprendendo somente as palavras, porém também os seus significados culturais para que, com eles, as pessoas do meio social assimilem e interpretem a realidade. É preciso destacar que, a leitura fluente traz o envolvimento de uma série de estratégias como seleção, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e competência.

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e contexto. (FREIRE, 1982, p.19-20).

O autor quis afirmar que a leitura de um texto inicia antes do seu contato, e que ler também o que não está escrito identifica os elementos implícitos, o que estabelece relação entre o texto que está sendo realizada a leitura e outros textos já compreendidos e anteriormente lidos. O leitor deverá ser capaz de identificar as estratégias de leitura para construir significados enquanto lê.

O cotidiano possibilita que a leitura aconteça continuamente de diferentes formas e objetivos no contexto do dia a dia, e para que esta leitura tenha sentido para o educando, a melhor maneira é tentar descrevê-la de forma sucinta. A aprendizagem para a leitura acontece com a interação com uma diversidade de textos escritos e a participação de fato dos atos da leitura. É crucial destacar que a criança recebe incentivo e ajuda de leitores experientes para a ampliação do repertório de leitura de acordo com seus objetivos e interesses.

Ler é decifrar e buscar informações. Já se sabe que o segredo da alfabetização é a leitura. Alfabetizar é, na sua essência, ensinar alguém a ler, ou seja, a decifrar a escrita. Escrever é em decorrência desse conhecimento e não o inverso. Na prática escolar, parte-se sempre do pressuposto de que o aluno já sabe decifrar a escrita, por isso o termo "leitura" adquire outro sentido. Trata-se, então, da leitura para conhecer um texto escrito. Na alfabetização, a leitura como decifração é o objeto maior a ser atingido. (CAGLIARI 2003, p. 312).

Sendo assim, é válido destacar que para os alunos alcançar uma leitura proficiente, é crucial que eles desenvolvam a vontade e o desejo de estudar buscando o aperfeiçoamento da leitura, já que esta favorece para o desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem dos educandos de maneira produtiva e proficiente. No entanto, o progresso na aprendizagem da leitura deverá ocorrer com a mediação do professor.

Face ao exposto, fica evidente que a leitura para se fazer valer não deve ficar na junção das consoantes com vogais, deve ir mais além, deve sensibilizar, torna-se atraente aos olhos de quem as faz. Esta, enquanto modo peculiar de interação entre homens e gerações, coloca-se no âmago discursivo das escolas, independentemente da disciplina ou conteúdo apresentado.

2 LEITURA DIVERSIFICADA COMO RECURSO DIDÁTICO NA FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR PROFICIENTE

A maioria dos entraves e dificuldades que os alunos enfrentam ao longo dos anos de estudo, e que infelizmente chegam até a pós-graduação, é em decorrência de problemas de leitura. O aluno, em um número significativo não sabe matemática porque não consegue compreender o que o enunciado queria dizer.

Quando lê, uma pessoa precisa, em primeiro lugar, arranjar as ideias na mente para montar a estrutura linguística do que vai dizer em voz alta ou simplesmente passar para sua reflexão pessoal ou pensamento. Em ambos os casos, a passagem pela estrutura linguística é essencial. Sem isso, não existe linguagem e, portanto, não pode existir fala nem leitura de nenhum tipo. (CAGLIARI 2003, p. 312).

Há uma preocupação muito grande no que diz respeito à leitura na escola hoje em dia. Mas, voltando ao passado, pode-se perceber como a educação foi omissa com essa prática, desde longas datas com a colonização do Brasil. A política da época não privilegiou a educação, nem tão pouco formou leitores no passado, ela visava o bem estar da elite, poucos foram os que conseguiram concluir o 2º grau, ou melhor, passar pelo “funil” do governo português, com a chamada educação jesuítica. Esta era voltada para a instrução intelectual humanística e literária tendo como objetivo a ocupação de cargos administrativos e hierárquicos do governo.

Essa discriminação sócio educacional veio contribuir para aumentar um abismo entre letrados e não-letrados, mostrando a força intelectual de uns (filhos dos colonizadores) e a força braçal de outros (índios, mestiços e negros). Salientando que as mulheres ficavam classificadas como não-letradas.

No meado do século XVIII, o Marquês de Pombal reforma essa lei, expulsando a Companhia de Jesus, criando o ensino público financiado pelo Estado. Formando aí, indivíduos para o Estado e não mais para a Igreja. Nesta época abrem-se as portas para um grupo maior, mesmo assim nem todos tinham acesso à instrução. Mais tarde em 1960, a necessidade de mão-de-obra qualificada, muda novamente o cenário na lei, dando oportunidade aos trabalhadores de se aperfeiçoarem.

Com essa trajetória é importante ressaltar que a educação passou por percalços, deixando marcas profundas, no que se pode chamar de “caos educativo”.

Segundo Magnani (2001), a leitura e a literatura estão entrelaçados necessitando um do outro não de forma punitiva, mas de forma prazerosa para se chegar a um conhecimento intelectual, e a escola tem um papel fundamental de orientar o educando a buscar de forma mais satisfatória para o seu bem estar.

Tratar de leitura e literatura é tratar de um fenômeno social que envolve as condições de emergência e utilização de determinados escritos, em determinada época; é pensá-las do ponto de vista de seu funcionamento sócio histórico, antes e para além de platônico e redutores juízos de valor. E tratar em formação do gosto é retomar as relações entre leitura, literatura e escola do ponto de vista das possibilidades políticas do movimento no sentido de desestabilização da dicotomia entre prazer e saber. (MAGNANI, 2001, p. 43).

Nota-se, assim, que a leitura perpassa por vários sentidos contribuindo para a construção de diversos textos, e se faz necessário empregar esses conhecimentos na aprendizagem cada vez mais consciente da leitura e da escrita, pois nossa sociedade vive momento paradoxal do ponto de vista da aprendizagem. Por isso, para formar bons leitores, é preciso que este seja apaixonado pela leitura e que desperte em si o desejo e a satisfação pelo ato de ler.

[...] o ato de ler e/ou escrever é visto também como flexível, já que ele varia de acordo com o objetivo do escritor/leitor, com a audiência, a proficiência, a língua, a visão de mundo, o momento sócio-histórico do sujeito e do grupo, que implica na unidade dentro da diversidade, ou seja, embora o processo seja unitário psicossociolingüísticamente, ele

varia de acordo com a 'situação' na qual é produzido, já que as características do escritor, do texto e do leitor influenciam no significado resultante (BRAGGIO, 1992, p.70).

Bellenger (1998), vem afirmar que a leitura proposta pela escola muitas vezes não tem sentido relevante da leitura descrita por ele, no sentido do prazer, do desejo. Poucos são os alunos que se dispõem a ler em sala de aula, pois não são atraídos com textos didáticos, e em meio as conversar e inquietação da turma, não se internalizam, isto é, não conseguem concentrar a atenção no texto apresentado pelo professor. Vale ressaltar que há professores que não tem essa familiaridade com a leitura, e dessa forma não passa nenhuma segurança, estímulo, paixão para seus alunos.

O mais importante ainda é que, haja “sedução” do professor para com a turma, fazendo despertar em todos à vontade de participar do processo ensino aprendizagem, tendo como principal fator de sucesso: o desejo de ensinar do “professor”. Mas, infelizmente não vemos o processo como deveria ser, aprender por prazer e não forçado. A grande maioria dos professores utiliza a leitura de forma obrigatória e sabemos que dessa forma, até então, não tem trazido bons resultados, pois falta o apaixonar-se, o querer, o amor para chegar a esse encantamento do desabrochar pela leitura.

Dessa forma, o professor que adquire a prática da leitura, mergulhando no mundo encantado desta, possibilitará um trabalho “vivo”, pois deve despertar esse mesmo prazer eficaz no aluno, sobressaindo acima de tudo o seu desenvolvimento intelectual.

O mundo da leitura tem muitas facetas. O indivíduo hoje ler por diversos motivos: lê-se para ampliar seus conhecimentos; para melhorar a sua forma de expressar-se; para obter informações simples e complexas; para espairer depois de um dia tumultuado, em busca de prazer; na necessidade de prestar a concurso e vestibular, enfim, são diversos os motivos que o ser humano procura para viajar no mundo da leitura, desde o modo tradicional através de livros, bem como nos modelos modernos através de celular, notebook, e-book e tablete. Mas, o instrumento usado é o que pouco interessa para quem tem vontade e prazer de ler, o importante é mergulhar nesse mundo fantástico da leitura e compreensão do texto lido.

Além dos instrumentos como são apresentados na leitura, é interessante valorizar os diversos gêneros textuais usados para facilitar uma boa leitura como: cartas, poemas, jornais, revistas, piadas, quadrinhas, charge, textos científicos, históricos, religiosos e clássicos, pois, é função primordial da escola ensinar a ler, escrever e interpretar com prazer, já que a família não o faz.

Cabe, então ao professor, restabelecer novos caminhos, ampliando ou encurtando-os em razão da realidade escolar vivida, bem como dos projetos construídos, visando um melhor desempenho nas atividades de leitura, escrita e interpretação.

Segundo Kleiman (1989, p.7), “a aprendizagem da criança na escola está fundamentada na leitura”. Pois, a instituição visa através dos seus esforços, a maior e mais importante forma de escolarização por meio da construção e desconstrução da linguagem do leitor.

É muito engraçado quando a criança está no processo de aprendizagem ou desenvolvendo a leitura que ela usa a imagem, gravura, para decodificar a leitura “ler” o que a imagem determina ou o que o seu conhecimento já tem formado. Por exemplo, a criança que ver a imagem e a escrita de uma jaqueta, onde ela soletra JA - QUE -TA e pronuncia CAPOTE, pois no seu dia-a-dia ela convive com todos falando capote, sendo que a palavra jaqueta não tem significado concreto para ela. São vários casos que percebemos neste sentido, eles não tem a compreensão do soletrar corretamente, a imagem é mais significativa, fazendo a relação com a palavra que é mais frequente no seu cotidiano.

Assim, ressalta Kleiman (1989) nos seus estudos sobre a compreensão de textos:

A descrição e análise da compreensão do texto escrito que aqui fazemos, tem dois objetivos: por um lado, oferecer subsídios aos interessados na leitura e na formação de leitores, pois, acreditamos que o desvendamento do processo torna possível o planejamento de medidas de ensino adequado, de base informada bem fundamentadas; por outro lado, e como um passo decorrente do primeiro objetivo visamos o aprimoramento da própria capacidade de leitura do leitor deste livro, pois ao tornarmos o processo conhecido estaremos construindo as bases para uma atividade de metacognição, isto é, de reflexão sobre o próprio saber, o que pode tornar esse saber mais acessível a mudanças. (KLEIMAN, 1989, p. 9).

Vale afirmar que a criança precisa do apoio e incentivo, tanto do professor como da família, para poder desenvolver a sua habilidade leitora desde as séries

iniciais, pois, necessita de uma base textual sólida pautada na materialização de significados de objetos coerentes. E partindo dessa consciência, o educando perceberá que é preciso identificar o sinal gráfico (letra), para decodificar a palavra, fazendo uma relação imagem/palavra corretamente.

Em função disso, nessas etapas iniciais, a compreensão não acontece necessariamente no ato de ler, mas sim, durante a realização da atividade, partindo das propostas feitas pelo professor, para que haja a construção do saber por meio do que foi lido e compreendido em relação ao texto aplicado.

A autora considera um ponto negativo as leituras iniciais do curso de alfabetização, visando o letramento, partindo de textos desconexos como leituras formadas das famílias silábicas: “Dói o dedo do Dudu”. Tentando fixar ou que a criança se familiarize com as sílabas DA – DE – DI – DO – DU- DÃO. Mas, faz-se necessário a silabação para o conhecimento das palavras. No entanto, poderemos buscar formas que sejam menos “ofensivas” para despertar na criança de hoje excelentes leitores amanhã. Esse método é conhecido como análise-síntese ou da palavra geradora.

Segundo Telma Weisz (2006), o professor pode criar condições para que o aluno exerça a sua ação de aprendizagem:

[...] Se o que pretendia era que aprendesse sobre o sistema de escrita, devo entender que para escrever muleci ele usou inúmeros conhecimentos que já tem sobre esse sistema em português. Revelou saber, por exemplo, que escrevemos com letras, que essas letras representam sons, que não é qualquer letra que representa qualquer som... E que, provavelmente pela sua experiência de empregar o “c” para escrever casa, cavalo, considerou que a mesma letra serviria para o que de moleque, o que tem muita lógica, embora não coincida com a escrita convencional da palavra. (WEISZ, 2006, p.23).

Assim, percebemos que o aluno traz consigo um saber, o qual precisa ser aprofundado através de esclarecimentos e aprendizagem como foi o caso da palavra “muleci”, ele já sabe o significado, sabe pronunciar, mas não tem o conhecimento da silabação que gera a palavra moleque, isto porque falta o conhecimento da ortografia.

Com isso, não vale só a intuição de que se sabe oralmente, ou melhor a grande parte dos nossos alunos reproduzem na escrita o que eles falam e ouvem, daí a dificuldade, isto é o resultado de uma má alfabetização, não foi

trabalhada essa complexidade de sons e escrita com a criança, ou esta ainda não domina a esse saber.

Para Kleiman (2013), existem determinadas práticas que prejudicam o aprendizado do aluno:

As práticas desmotivadoras, perversas até, pelas consequências nefastas.... Elas são práticas sustentadas por um entendimento limitado e incoerente do que seja ensinar, português, entendimento este tradicionalmente legitimado tanto dentro como fora da escola. É dessa legitimidade que se deriva um dos aspectos mais nefastos das práticas limitadoras que discutiremos: elas são perpetuadas não só dentro da escola, o que seria de se esperar, mas também funcionam como o mecanismo mais poderoso para a exclusão fora da escola. (KLEIMAN, 2013, p. 23).

O ponto que dificulta o trabalho do professor é a resistência do aluno e também por parte dos pais, quando este propõe um trabalho de leitura e interpretação e que o aluno cobra a parte morfológica e sintática no texto, ou vice-versa, na realidade nunca o trabalho é feito com satisfação, sempre surgem às críticas. Pois se o aluno consegue aprender, o mérito é dele, nunca do professor e da escola, claro que se ele se esforça, não podemos anular o seu mérito, sem esquecer a dedicação e comprometimento do seu formador também.

Quanto à forma de aprendizagem no letramento, é imprescindível que os pais interajam com a escola para que o trabalho flua, tem que ter consonância por parte de ambos, pois, tenho como exemplo um colega com sua filha na alfabetização, onde a professora ensinava de uma forma e em casa ela fazia de forma diferente, o que levou a um desentendimento na forma de ensinar, atrapalhando o desenvolvimento da criança. O problema foi percebido, e numa conversa ela explicou como ensinava a filha a soletrar e procurou a escola para aprender junto e ajudar a desfazer toda aquela situação, que já mostrava indícios de dificuldade para a criança.

Como é prazeroso você observar que o aluno começa a “engatinhar”, soletrando e lendo as primeiras palavras, e ao descobrir que conseguiu, como “passe de mágica”, as palavras fluem de seus lábios e tudo é motivo de alegria e muita leitura, não deixando passar um só letreiro, propagandas, livros que ela treina a todo tempo, juntando as letras e articulando as palavras através da leitura. É um verdadeiro encantamento.

Como afirma KLEIMAN (2013):

... acreditamos como Vygotsky e pedagogos neovygotiskianos, que a aprendizagem é constituída na interação de sujeitos cooperativos que têm objetivos em comuns. Como, no caso, trata-se de aprender a ler no sentido cabal da palavra (em que ler não é o equivalente a decifrar ou decodificar) a aprendizagem que se dará nessa interação, consiste na leitura com compreensão. (KLEIMAN, 2013, p.12).

Podemos compreender, com base na autora, que somos seres inteligíveis, abertos a qualquer tipo de aprendizagem, e esta se constitui por meio da interação com o outro e da troca de experiências vivenciadas coletivamente. Vale ressaltar que o professor precisa, primeiro ser apaixonado e gostar de ler, pois, a sua fascinação pela leitura, chamará a atenção daqueles que ao ouvir falar ou ouvi-lo lendo, certamente se encantarão com o que ouvem e veem.

Me recordo de um professora, que no ato de ensinar e contar poemas e histórias, seu semblante transfigurava, a emoção era tamanha que contagiava a turma, daí me senti mais firme para buscar através dos livros o conhecimento, essa fascinação, o encantamento no decurso da leitura.

3 A Leitura e realização de novas aprendizagens: Um ponto de partida para um leitor proficiente

Para Cool (1988), os bons leitores não são apenas os que compreendem mais e melhor os textos que leem, mas os que sentem prazer e gosto pela leitura.

O leitor que se interessa, que é apaixonado pela leitura, que a faz com maior dedicação, com prazer, este é considerado excelente leitor, mesmo sem ter a aptidão de compreendê-lo com todo o rigor, interpretá-lo ao “pé da letra”.

Como afirma Solé (in: 1998, p. 22) a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam sua leitura. Assim, por um lado o leitor é considerado ativo quando assume o seu papel de leituras diárias constantes, onde o mesmo examina e mergulha por águas serenas, para facilitar o seu aprendizado, preencher o seu momento de prazer desfrutando da imensa satisfação em poder “degustar” um bom livro, uma boa literatura.

É interessante observar que leitores diferentes conseguem captar informações distintas de um mesmo texto, mesmo tendo olhares diferentes. E é

nessa situação que percebemos que o ato de ler é um processo interativo, pois, no momento da partilha em sala de aula, através da conversação, acontece à interação, a troca de saberes.

Com isso, o processo de leitura deve assegurar que o leitor compreenda o texto e que possa ir construindo uma ideia sobre o conteúdo, extraíndo dele o que lhe for pertinente em função dos seus objetivos.

Há uma grande preocupação da escola com relação à cobrança da leitura em sala de aula, porque os alunos precisam ler e interpretar corretamente, como ressalta Solé (1998, p.32), pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem. E já é sabido por todos que o jovem que não tem habilidades na leitura e na escrita, não consegue emprego convencional.

Dados estatísticos de 2007 a 2013, constatam que há mais de 8 milhões de analfabetos no Brasil entre a faixa etária dos 15 anos a mais. Ainda é muito alta a taxa de analfabetismo no país, visto que tem se trabalhado e capacitado muitos profissionais, porém falta ainda conscientização por parte de diversos jovens e pais, para se estudar e colocar os filhos na escola na idade correta. Sem contar com o analfabeto funcional, que aumenta muito esse número citado, isto é, são pessoas que já frequentaram a escola, mas não conseguem ler e escrever fluentemente, muito menos interpretar nas suas relações sociais.

A questão citada é muito mais séria do que se imagina. Assim podemos inferir com Solé:

Considero que o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura da forma como é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola, dos meios que se arbitram para favorece-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la. (Ibid. 1998, p.33).

Com toda experiência que se tem sobre leitura em sala de aula, é interessante lembrar que o aluno por mais que trabalhe com textos, conscientizando-se da necessidade em fazer uma boa leitura, da busca de métodos e dinâmicas para trazer o incentivo à leitura, mesmo assim, ainda falta algo, pois a maioria dos alunos não se preocupa, nem disponibiliza tempo para

essa atividade, bem poucos vão à procura de conhecimentos, de aprimorar sua leitura, pois a cobrança ainda é feita com sentido de obrigação, de decodificação.

O Ensino Fundamental II cobra com muita insistência, o que não foi incentivado e aprimorado desde os anos iniciais, para que o aluno se familiarizasse com o processo da leitura. Essa cobrança é maior ainda no Ensino Médio, onde a necessidade de mostrar os índices de desenvolvimento escolar, a qualidade do ensino através do conhecimento do aluno, que de certa forma pode-se medir pela boa leitura e interpretação, se reforça nessa série para chegar ao conhecimento.

É imprescindível que o aluno do Ensino Médio tenha conhecimento do que vai ler, para que vai lhe servir, assim, este terá condição de refazer a sua leitura com mais habilidade e destreza para conquistar o conhecimento, como afirma Solé:

Ler é compreender e que compreender é sobretudo um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender. É um processo que envolve ativamente o leitor, à medida que a compreensão que realiza não deriva da recitação do conteúdo em questão. (Ibid, 1998, p. 44).

Disso decorre que é indispensável que o leitor encontre sentido no fato de executar o esforço cognitivo que pressupõe a leitura, e saiba qual o objetivo que estará buscando ao realizar tal atividade. Outro ponto fundamental é o seu conhecimento prévio, pois ele obterá com mais facilidade para a conclusão dos seus pensamentos em relação a interpretação feita como coerência e clareza. Daí, ele tendo acesso ao código e inserindo sempre em contextos significativos, possuirá conhecimentos pertinentes à leitura, sabendo o que está escrito e compreendendo o que está lendo. Pois o processo de alfabetização perpassa não só pela leitura e escrita bem como o escutar, falar, ler e escrever partindo de uma consciência metalinguística.

O aprendizado é muito complexo, pois há crianças que com um esforço dos pais, ajudando, orientando quando criancinha de meses e/ou de ano, trabalhando com elas com réalias, gravuras, jogos, alfabeto, palavras, esta tem a facilidade e desenvolve a leitura e escrita mais rápido, enquanto existem outras que os pais não se preocupam em familiarizar as letras e os livros. Assim, quando chegam na fase de iniciar o processo de alfabetização, ir para a escola,

sentem dificuldade. É fundamental a ajuda e orientação dos pais, para que a criança seja incentivada no processo de apaixonar se com as letras desde cedo.

4 A Relação Leitura-Escrita para um Bom Desempenho Escolar

Esse breve passeio pelo estudo da escrita e leitura na antiguidade nos mostra como foi de fundamental importância para alcançarmos a aprendizagem nos dias atuais.

[...] O mundo grego ampliou a importância do ofício de escrever, e vem de lá os primeiros autores registrados na história ocidental. Poetas, filósofos e cientistas como Homero, Platão, Arquimedes e Heródoto, porque se valeram do trabalho de escribas, a partir de certo ponto de sua trajetória, tiveram sua produção intelectual confiada a algo mais material e permanente que a fala... (LAJOLO e ZILBERMAN, 2001, p. 25).

Nos anos 80, pesquisadores chegaram à conclusão que a leitura e a escrita relacionadas são fundamentais para se alcançar o índice de qualidade escolar através das habilidades, do processo cognitivo e das formas de aprendizagem. Ainda destacaram uma alta correlação entre os bons leitores e os bons escritores, analisando que a leitura e a escrita se complementam num processo interativo. Nesse sentido, entende-se que os melhores escritores leem mais e os melhores leitores escrevem simultaneamente correto e suas experiências com a leitura levam-no a alcançar um grau elevado pautado na gramática.

Para desenvolver as duas práticas, nada melhor que a sala de aula, sendo esta, um lugar favorável, estimulante e aconchegante. Em função disso, Possenti (1996), em seu livro *Por que (não) ensinar gramática na escola*, adverte-nos que:

Ler e escrever não são tarefas extras que possam ser sugeridas aos alunos como lição de casa e atividade de vida, mas atividades essenciais ao ensino da língua. Portanto, seu lugar privilegiado, embora não exclusivo, é a própria sala de aula. (POSSENTI, 1996, p. 16).

Assim sendo, salientamos que o professor deve planejar as atividades a serem trabalhadas em sala de aula, no caso da leitura e da escrita. É preciso uma mudança de postura, uma mudança na sua prática, pois ele é o elemento mais capaz de desencadear este processo.

O professor está tão acostumado a questionar o desempenho do aluno que esquece de refletir sobre si. Enumeram várias razões para o fraco desempenho do educando como: não sabem as regras de concordância, não sabem escrever corretamente nem querem ler, não copiam o que é ditado corretamente, não interpretam o que ler, estão cada dia piores. E o que estamos fazendo para melhorar? Damos exemplos de leituras constantes? Somos perseverantes no estudo? Criamos maneiras mais fáceis de apresentar os conteúdos? Incentivamos a leitura em sala de aula, ou continuamos insistindo nos métodos tradicionais de ensinar as regras gramaticais? Continuamos sendo autoritários para que nos respeitem e façam as atividades? Agimos com “terrorismo” para que o aluno estude, pois as provas estão próximas? Com tantos questionamentos o que podemos fazer para mudar a nossa prática educativa? Cabe a nós uma reflexão sobre o assunto.

Tais afirmações vêm de encontro ao que Possenti (1996) alerta com relação ao a qualidade de ensino:

Alguns dos problemas que levam ao fracasso têm a ver com a forma como se concebem a função e as estratégias do ensino de língua. A única opção de uma escola comprometida com melhoria da qualidade do ensino está entre ensinar ou deixar aprender... Qualquer outra implica em conformar-se com o fracasso ou, pior, em atribuí-lo exclusivamente aos alunos. (Ibid. 1996, p. 17).

A escola verdadeiramente comprometida com a educação tem que buscar em concordância com o corpo docente para que possa reverter o quadro de fracasso em que se encontra a instituição. Uma liberdade que possa fluir bons frutos, render resultados favoráveis a educação. Como por exemplo, o professor através da observação e conversa com o aluno deverá valorizar e explorar mais o aluno através da sua interação com o texto já conhecido por este. Assim, ele se sentirá útil fazendo parte do processo educativo, facilitando o entrosamento com o professor e o seu desenvolvimento intelectual, tanto com a leitura, quanto com a escrita. O afeto é a forma que se pode alcançar um bom resultado.

A leitura tem que perpassar pelo crivo do prazer, e para alcançar esse sentimento nos alunos é preciso uma dose muito forte de afeto, atenção e comprometimento na prática pedagógica. Utilizando essas estratégias de leitura, o caminho torna-se mais fácil e aprazível. Partindo dessas estratégias as aulas serão bem melhores e interessantes e surtirão com certeza, um efeito mágico,

daí todos os problemas se afastarão e a leitura possibilitará ao aluno estruturar seu vocabulário com maior desenvoltura, coerência e coesão. Assim teremos aulas motivadoras, alunos envolvidos no processo educativo e boa qualidade de ensino.

Para Luckesi (2003, p. 119), “[...] a leitura, para atender o seu pleno sentido e significado, deve, intencionalmente, referir-se à realidade. Caso contrário, ela será um processo mecânico de decodificação de símbolos”. Logo, todo o ser humano é capaz de ler e lê efetivamente. Tanto lê o conhecedor dos signos linguísticos/gramaticais, quanto o camponês, “não letrado”, que, observando a natureza, prevê o sol ou a chuva, partindo da sua realidade e vivencia com a mesma.

Dessa forma, não é correto pensar que para se fazer uma boa leitura precisamente, o aluno terá que interpretar, compreender ou entender e repetir o texto lido. Isso são requisitos da proposta escolar, no entanto isso entedia o educando, pois nem sempre lhe é dado um texto propício ao seu gosto e/ou nem sempre ele está disponível a fazê-lo.

É interessante que o professor proporcione momentos lúdicos e prazerosos em sala de aula para se trabalhar com leitura, não precisamente o estudo de textos com cobranças como sempre é feito. Acredito que dessa forma surgirá mais efeito e a participação será mais ativa.

Vale salientar que as aulas não deverão ser um momento de martírio para o aluno e sim de alegria, prazer e afeto, assim o trabalho surtirá efeito. Essa afirmação coaduna com o pensamento de Wallon (2007) quando destaca que a afetividade é fundamental na “construção do conhecimento e da pessoa”. O emocional supera os recursos cognitivos. Se o aluno está bem, sentindo-se seguro e emocionalmente controlado, a sua capacidade de criação, aprendizado é bem maior, havendo aí, uma maturidade leitora, isto é uma intimidade com o ato de ler.

A partir dessa reflexão, podemos complementar com o pensamento de Lajolo (1982, p 53), “Leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão do livros, das gentes e da vida”.

E partindo dessa leitura madura de um texto em busca de uma compreensão de mundo, onde o leitor precisa se auto avaliar, analisando qual a sua postura ante o texto lido, relacionada a uma possível interlocução, podemos ver a leitura como:

- A leitura – busca de informações;
- A leitura – estudo de texto;
- A leitura do texto – pretexto;
- A leitura – fruição do texto.

Nessa perspectiva, o leitor pode definir múltiplas relações com suas leituras, partindo do conhecimento prévio ativado na mesma. Com esse vínculo, ele estará apto a desenvolver o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, através da construção e inferências no texto. E partindo dessa premissa, é que se pode afirmar que sem esse engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão do que foi lido, e assim, continuará uma lacuna aberta onde a leitura proporcionaria uma apreensão e construção de significados.

Segundo André (1996), o leitor precisa se interessar pela leitura para conseguir bons resultados:

“Ler é a apropriação, pelo leitor, de uma mensagem à luz dos seus interesses de momento e das suas vivências mais recentes e transformar essa mensagem numa respostas aos anseios pessoais.”
(André, 1996, p.22).

Para se obter um bom desempenho escolar com a leitura e escrita, é necessário que o leitor se interesse pelo tema e use o seu conhecimento prévio entrosado com texto/autor, através de troca de saberes e inferência no contexto lido, assim, surgirá novos conhecimentos linguísticos.

Segundo Freire (1987):

“Os oprimidos, que introjetam a ‘sombra’ dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, na medida em que esta, implicando na expulsão desta sombra, exigiria deles que ‘preenchessem’ o ‘vazio’ deixado pela expulsão, com outro ‘conteúdo’ – o de sua autonomia”.
(FREIRE, 1987, p. 18).

A partir desses levantamentos, cabe-nos avaliar a nossa prática e entender que alguns alunos conseguiram superar o medo e a timidez quanto ao processo da leitura, foi um processo árduo mas, com experiências exitosas.

Porém, para outros, não conseguimos modificar essa postura, ainda existem aqueles que não conseguem se desvencilhar dessas características que em determinado momento atrapalham a sua aprendizagem.

É preciso ressaltar também que o professor precisa se dispor mais, utilizando métodos mais atrativos, que despertem no aluno o prazer em participar e se envolver nas atividades propostas, para que seus objetivos sejam alcançados.

Portanto, para se alçar voos mais altos e mergulhar num mundo fantástico da leitura, é preciso libertar-se das amarras daqueles que querem a opressão, o desencanto e o analfabetismo que exclui o ser humano do convívio social.

CONSIDERAÇÕES

É fundamental destacar que o bom leitor não é aquele que proclama uma leitura compassada, com a boa dicção, sem erros, e sim, aquele que além de dispor dessas qualificações, está apto a fazer qualquer tipo de leitura tanto escrita, quanto visual, de signos e símbolos, vindo a compreender nas entrelinhas o que o escritor expressa em palavras. Isso é que é ser um bom leitor: ter a capacidade de compreender além das aparências, enxergando a essência do contexto.

A leitura para se fazer valer não deve ficar na junção das consoantes com vogais, deve ir mais além, deve sensibilizar, torna-se atraente aos olhos de quem as faz. Esta, enquanto modo peculiar de interação entre homens e gerações, coloca-se no âmago discursivo das escolas, independentemente da disciplina ou conteúdo apresentado.

Segundo Matencio (1994, p. 20), “o indivíduo letrado é aquele que apresenta um desenvolvimento da linguagem e do pensamento após o acesso às formas especializadas do texto escrito”. Isso pautada na visão de Olson (1981). Para aprendermos não existe somente o letramento partindo da escola, mas, acontece em diversas formas dentro de cada sociedade, pois a mesma utiliza sua cultura através da fala, leitura e escrita para dinamizar o conhecimento.

Para Britto (2012), a prática da leitura exerce uma função muito importante, pois é através dela que de posse da experiência formativa, podemos dispor da reflexão, da descoberta, para, assim, suceder em aprendizagem significativa. Contudo, a aprendizagem por intermédio da leitura não acontece a partir de informações explícitas no texto, com informações superficiais; essa leitura se caracteriza como mecânica e está longe de uma leitura formadora e com significados para formação de um leitor proficiente. Tendo em vista isto, o leitor proficiente é aquele que realiza uma leitura com criticidade, que viabiliza a reflexão acerca do que lê e diante do seu pertencimento social, dado que a leitura possibilita a verificação da condição humana, sempre em um processo de deslocar o sujeito do que foi socialmente estabelecido anteriormente; acontecendo assim a ampliação de horizontes de vida.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, R. ***Como incentivar o hábito de leitura***. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

BELLENGER, L. ***Os métodos de Leitura***, Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1978. Trad. De Dora Flaksman.

BRANDÃO, A. C. P; ROSA, E. C.de S. (Org.). ***Ler e escrever na Educação Infantil***. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BRITTO, Luiz Percival Leme. ***Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio***. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012. p. 35-62.

CAGLIARI, L.C.O. ***Ensino e aprendizagem: os métodos. IN: Alfabetizando se, o Bá – Bé – Bi – Bó – Bú***. São Paulo: Scipione, 1998.

CAGLIARI, L. C. ***Alfabetização e Linguística***, 10ª ed. SÃO Paulo: Scipione, 2003

FREIRE, P. ***A importância do ato de ler: em três artigos que se completam***. 43ª ed. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, P. ***Pedagogia do oprimido***, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

KLEIMAN, A. ***Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Linguagem***. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1989.

KLEIMAN, A. ***Oficina de Leitura: Teoria e Prática***. 15ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

LAJOLO, M. ***Do mundo da Leitura para a leitura do mundo***, 6ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

LUCHESI, C. C. (et. al.) ***Universidade: uma proposta metodológica***. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LUCHESI, C. C. ***Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições***. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MAGNANI, M. do R. M. ***Leitura, Literatura e Escola sobre a formação do gosto***, 2ª ed. São Paulo: Martin Fontes, 2001.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

POSSENTI, S. ***Por que (não) ensinar gramática na escola***. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

SOLÉ, I. ***Estratégias de leitura*** / Isabel Solé; trad. Cláudia Schilling – 6. ed. – Porto Alegre: Artmed, 1998.

WEISZ, T. SANCHEZ, A. ***Diálogo entre o ensino e a aprendizagem. Palavra de Professor***. 2. Ed. São Pulo: Ática, 2006.

ZANDWAIS, A. (org.). ***Mikhail Bakhtin, Contribuições para a Filosofia de Linguagem e Estudos Discursivos***. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2005.

ZILBERMAN, R. e SILVA, E. T. da. ***Leitura perspectivas interdisciplinares***, 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.
